

CORREIO DO VOLUGA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51

PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES
Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se aceita collaboração que não seja sollicitada.

D. Filippa de Vilhena e seus filhos na manhã de 1.º de dezembro de 1640.

E' chegado o momento de pôr termo ao villipendio. Portugal vae resgatar-se!

Não me interrompam e escutem: «Ha quarenta pessoas combinadas para emprenderem essa obra... E os herdeiros d'esta casa, os filhos de uma Vilhena, os que têm obrigação de zelar até á ultima o seu titulo e o seu nome, não devem ficar de parte. E' preciso que appareçam.»

Para o mais são creanças, para isso não o são!

Em magestosa mudez escolheu duas espadas, as mais maneiras que achou e armou-os ella mesmo cavalheiros.

Depois acenselhou-os d'este modo em voz clara e imperturbavel:

—D. Jeronymo de Athayde e D. Francisco Coutinho, oíçam bem sua mãe. A nobreza que se herda, para haver de conservar-se, é necessario illustrar-a. Sahis fidalgos, voltae-me heroes. A fracos não se abre a minha porta. Estou como a lacedemonia, quando ao dar o escudo ao filho dizia: *Antes morto em cima d'elle, do que deixal-o cahir!* Uma corôa de martyrio vale mais do que a de conde. Se não vencerdes... morrerei! Separa mo-nos na terra, mas ver-nos-hemos no céo. Porque eu não resistia nesse caso, ia logo a traz de vós.

—E, quando é que começa a nossa empresa? disseram ambos promptos a partir! A dama consultou o seu relógio, e respondeu sem olhar:

—São oito horas e meia. Não se demorem. E' já!

A. Pereira da Cunha.

DURANTE A SEMANA

VARIAS NOTICIAS

Continua a greve do pessoal do caminho de ferro do Minho e Douro, tendo, em todo o caso, circulado alguns comboyos. A linha está guardada pela força publica que, em Villa Nova de Gaya, tem sido atacada a tiro. Os grevistas declararam, perante a auctoridade administrativa, que não têm responsabilidade nenhuma nestas violencias, não se conseguindo até á hora a que escrevemos desvendar o mysterio, apesar de se terem effectuado já algumas prisões.

Declararam-se tambem em gre-

ve, no Porto, os gazomistas. Começou a faltar o gaz depois das onze horas da noite de 5.ª feira. Os bombeiros e alguns trabalhadores municipaes tem estado a substituir os operarios grevistas, mas o gaz fabricado é muitissimo pouco, podendo dizer-se que a cidade continúa ás escuras.

—Nestes ultimos dias, tem sido muitos os roubos praticados nos comboyos. Ainda na quinta-feira, roubaram ao sr. Joaquim Moreira Lopes, lavrador, residente em Bordaes (Santo Thyrs), uma carteira com 950.000 reis.

—Foram suspensos das suas funções os srs. João Isidro dos Reis, chefe da repartição do gabinete do ministro das Finanças, e Augusto d'Araujo, director geral da thesouraria.

—No dia 2, no «Restaurant Club» houve um jantar em honra de João Chagas, oferecido por um grupo de escriptores e artistas, assistindo entre outros, Guerra Junqueiro, Magalhães Lima, Alfredo Mesquita, João de Figueiredo, Justino de Montalvão e Teixeira Gomes.

—Em virtude de chover durante todo o dia, não se realisou, no Porto, o cortejo civico que constitua um dos numeros do programa da festa da bandeira.

—Foram nomeados administradores por parte do governo: da Companhia de Mocambique, os officiaes da Armada srs. Arantes Pedros e Victor Hugo Coutinho; e da Compahia do Nyassa, o sr. Ramos Pereira.

Administração monarchica

D'A Capital:

«Apurou-se, por exemplo, que o sr. Augusto de Castilho, auctor e padrinho do celebre convenio do Transval, mandou pagar as despesas com este, que eram de 40 contos de reis. Não houve lei nem decreto que a isso o auctorisasse, como aliás a não tinha havido para fazer o tratado; todavia, o ex-ministro da marinha talhou por largo despesas varias, onde incluiu gratificações de 10 libras em ouro por dia, além de todos os vencimentos, ao major sr. Garcia Rosado, e de 9 libras tambem em ouro ao sr. Mendes d'Almeida.

E' ponto assente, nos documentos encontrados na inspecção geral de fazenda do ultramar, que João Franco burlou o paiz quando da viagem do principe real de então, em que se gastaram 19 contos, segundo elle apregou, mas que agora se vê haver-se dispendido mais de 216 contos, pagos á ordem do governo da metropole pelos cofres das provincias. Só em Mocambique custou a festa os 216 contos, incluindo o celebre batuque negro que se pagou por 80 contos.

O actual governador geral de Angola leva na sua pasta documentos importantes, denunciadores de graves irregularidades.

Entre estes avulta, pelo imprevisto, o seguinte:

Ha annos que a contabilidade dos serviços militares d'aquella provincia se tornou autonoma, com poderes discretionarios, de fórma a impedir toda e qualquer fiscalisação,

Perguntado para lá o que havia ácerca das suas contas, mandaram a resposta, secca e concisa, sem detalhes nem documentos de despeza, que o saldo existente nas verbas orçamentaes destinadas aos seus serviços era, áquella data, de 45 contos. Pois logo no paquete seguinte appareceu uma nota da mesma proveniencia, dizendo: «Por engano dissemos que havia saldo, e que este era de 45 contos; queriamos dizer—e assim fica rectificado—que não ha saldo algum, mas sim «deficit» na importancia de 120 contos.»

Em 1905 levantou-se em Lisboa um emprestimo de 2:000 contos, destinado ao caminho de ferro da Suazilandia. Pois d'este dinheiro apenas o ministerio da marinha recebeu 1:200 contos; os restantes 800 contos... não se sabe d'elles!

O que a este respeito ha averiguado é que ficaram no ministerio da fazenda a cargo da direcção geral da thesouraria; mas desconhece-se por emquanto, em absoluto, em que se gastou essa importantissima verba.

Para vêr em que estado cahotico andam todos estes serviços, fecharemos por dizer que em Mocambique se construiu um caminho de ferro sem auctorisação de qualquer governo e sem que se saiba ainda quanto custou, quem o pagou nem d'onde sahiu o dinheiro!

O caminho de ferro a que alludimos é o de Chai-Chai a Manjacase.»

SECÇÃO LITTERARIA

SOMBRA

Vi-te uma vez, bem me lembro,
Quando passava na estrada.
Tinhas os olhos enormes,
E uns geitos de namorada.

Que linda! Nem reparaste
Em mim, na melancolia
Que te punha o rosto pallido...
Era quasi ao fim do dia.

Tinhas na tua janella,
Em flor, dois grandes craveiros.
Já a lua branca nascia
Como um ai, entre salgueiros.

Tornei a olhar-te de longe:
Tinhas os olhos pregados
Nalgum sonho immenso e vago,
Como os céus já mal doirados...

Nunca maistornei a ver-te,
(Para que foi que te vi?!)
Mais tarde ouvi que morrêras,
Ningem mais falou em ti.

Ninguem mais! Foste levada
Nos grandes sonhos dispersos...
Só os craveiros secaram,
E eu escrevi estes versos!

Porto.

Julio Brandão.

A NOSSA BANDEIRA

Nos estandartes nacionaes ha dois elementos d'expressão: côres e emblemas.

As côres exercem em nós acções distinctas, de natureza differente. A primeira é acção biologica, ou antes bio-quimica. Tal côr na ordem biologica, agrada-nos ou desagrada-nos, porque nos excita, nos apazigua ou nos deprime. A segunda acção é espiritual, derivada da biologica, e que por esse motivo lhe corresponde. O meio luminoso mais grato aos nossos olhos é o mais favoravel tambem á nossa ideação. Mas a vida psychica, herdando da vida biologica a influencia das côres, enriquece-a com elementos novos de natureza mais alta, e por sua vez actua imperiosamente na vida inferior, de que nasceu e a que está ligada. Quando um sentimento profundo nos domina, abatendo-nos ou exaltando-nos, o espirito impõe aos nossos olhos a preferencia exclusiva de certas côres. Um homem, a quem, no estado normal, o negro e o vermelho repugnam, desejará sómente a escuridão completa ou o vermelho em brazas, quando absorvido numa dôr sem esperança ou num entusiasmo sem limites.

Todo o sentimento, devorador e unico, polarisa e crystalisa em si as nossas forças e vontades. E'mono-ideico. E a sua representação chromatica, tambem dominadora e singular, enche a retina, como o estado d'alma que a gerou. Nalguns d'esses casos é tão soberana a influencia mental, que provoca nos olhos a sensação de côres que não existem. Costuma dizer-se, e bem, que um homem furioso, perdido de raiva e de coera, vê tudo vermelho deante de si.

Mas esse momo-ideismo dura-doiro, essa unidade psychica tão forte e persistente raras vezes se encontram na vida humana habitual. No organismo do homem ha uma complexidade extraordinaria, fisica, chimica, biologica e psicologica. Ninguém é identico a si mesmo em dois instantes successivos. E, apesar da continua differenciação e fluctuação, existe em cada homem, no estado ordinario, uma série de qualidades proprias, que detarminam o seu temperamento e o seu caracter. A cada temperamento ou caracter corresponde, na ordem visual, a preferencia harmonica de certas côres. E os povos, embora constituidos por muitos milhões d'homens de natureza diversa, possuem, como elles, um caracter, um temperamento de raça e de historia, que se não confunde. De modo que ha côres nacionaes, traduzindo biologica e psychicamente a idealidade dos povos.

Mas certas côres, que são em geral, as mais harmonicas para os nossos olhos e o nosso espirito, lornar-re-nos-hão odiosas e odiadas, vendo-as nascer numa bandeira filha do crime, que viveu na baixa e acabou na deshonra. Então as côres que amamos de preferencia, por se casarem melhor aos nossos sentimentos, hostilizam um d'elles, o da patria, gravado

na face da bandeira. De modo que as côres do estandarte, para serem absolutamente nacionaes, hão-de exprimir, ao mesmo tempo, o idealidade da raça na ordem biologica, na ordem esthetica e na ordem politica. Só nesse caso ha harmonia integral.

A alma da nação traduz-se na bandeira, mas a alma em festa, a alma ovante, clamando gloria, radiando esperança,

O genio portuguez, mavioso e affectuoso, sonhador e simples, é um hymno lyrico matinal, cantado de joelhos e de mãos postas. E' meigo, mas tambem é robusto, e, exaltado na acção, ergue-se de chofre, em vôo d'aguia, ás eminencias epicas. O nosso estandarte ha-de dizer,—candura, ternura, vigor, denodo, nobreza, heroismo.

Tinha quatro côres. O azul e o branco no fundo e nas quinas, o vermelho no escudo, o ouro na corôa e nos castellos.

A luz branca é a luz habitual em que vivemos, aquella a que o nosso organismo se amoldou. As diversas côres, socializando, fraternizando, dão o branco. E por isso a côr branca agrada geralmente a todos os olhos, é o fundo em que a vida se desenvolve, o fundo em que as outras côres se projectam, se agrupam e se distinguem.

Olhando atravez d'um vidro azul ou escarlate, todos os objectos nos apparecem azues ou escarlates. Mas, se o vidro for branco, destacam-se um a um, nitidamente, na sua côr natural. Por isso o branco significa primeiro a clareza, a verdade, a evidencia, e depois, como ideias associadas, a candura, a pureza perfeita, a virtude sem mancha.

Se atravez d'um crystal bem rubro olharmos com demora, sentiremos uma exaltação visual immediata, que se transforma em exaltação ideologica equivalente. Estando abatidos ou com somno, cremos impeto e despertamos. O vermelho é um excitante da vida: dá-lhe ardor, impelle á acção, provoca á lueta. E' vermelha a auroa, é vermelho o sangue, da côr da manhã é o sorriso dos noivos, e de purpura ardente a voz soberba dos clarins.

O azul tranquillisa-nos, apazigua-nos. Dá serenidade, bondade, graça ingenua, alegria candida. No céo e no mar não tem limites...

O ouro radiante offusca e deslumbra. E' gloria, victoria, triumpho, extase, apothese. Circumdamos d'ouro as frentes divinas dos Eleitos.

Completam a luminosa lingua do estandarte os emblemas essenciaes, evocando em imagens, num resumo instantaneo, a historia patria. Os emblemas traduzem ideias, mas fallam-nos tambem aos olhos pelo desenho e pela côr.

E', pois, o estandarte um organismo vivo, que brota e se desenvolve paralelamente á alma da nação.

(Continúa.)

Guerra Junqueiro.

Toda a correspondencia
deve ser dirigida para o director do jornal—R. de S. Miguel, 36—Porto.

GAZETILHA

Grèves, grèves, sempre grèves,
Chega a ser monomania!
Umhas longas, outras breves,
São nosso prato do dia!

E vá lá com taes mordomos
Um juiz bem governar
Confraria com assomos
De estar sempre a refilar!

Pretendem os do Alviella
Que num paiz vinhateiro
Andem todos com piella
E lhes cheguem mais dinheiro?

Fazem gréve lá nas aguas
E que passem muito bem!
Como o vinho limpa as máguas
Que lave o resto também.

Teem gana os ferro-viarios
D'arranjar uns cobres mais?
Entre os meios ordinarios
A gréve é dos principaes.

Aturar mestre caturra
Não quer o bicho estudante?
Falla de cima da burra
E faz gréve num instante!

Julgam os homes do gaz
Que haver illuminação
E das tretas que não faz
Progredir esta nação?

Dito e feito, põem-se em gréve
E temos noite cerrada:
Com geitinho e com pé leve
A coisa não vale nada!

São carris, telephonistas,
Costureiras, o diabo!
Mas nesta altura, ó grévistas,
O bom gosto não vos gabo!

I.º - I.º - 910.

EL-VIDA LONGA.

1.º anniversario do assassinato de Ferrer

Algumas notas sobre a vida e a obra do immortal fundador da Escola Moderna e breves considerações sobre a pena de morte

(CONTINUAÇÃO)

Depois de termos demonstrado que a obra do fundador da Escola Moderna tendia a libertar a humanidade de todos os preconceitos que a opprimem, restava-nos provar que a pena de morte é um absurdo. Não gastaremos argumentos. Limitar-nos-emos a registar a opinião de Alexandre Herkulano expressas nas seguintes palavras:

«Bastaria attender aos verdadeiros principios em que assenta a ordem social, para conhecer que a pena de morte é um absurdo. Tu-

Os noivos

(CONTINUAÇÃO)

«Ninguém o saberá além de nós, Carminho; ninguém na terra. Vê? disse elle apontando a través das vidraças da carruagem. O céu está negro; Deus n'este momento não olha para a terra. Oh! nem Deus o saberá!...

—E' preciso sair, senhor!
—Já? respondeu elle no tom mais meigo e humilde de um namorado. Oh! ainda não! Ha quanto tempo procuro eu esta hora, para que assim a deixe nos primeiros instantes! Temos muito tempo ainda; a noite vai em meio apenas, o baile principiava agora, na casa de V. Ex.ª dormem todos; — que pensa? que es-

do aquillo em que a sociedade limita a nossa liberdade, offende os nossos interesses particulares, nos causa pena ou dôr, são direitos cedidos pelo individuo que se resolve a dá-los em troca de outros bens que a sociedade lhe offerece. Nesta cessão nunca poderá entrar o direito sobre a propria vida, porque ninguem o tem para lhe pôr termo: portanto no pacto tácito do individuo com a totalidade nunca poderá entrar a transmissão de um direito que não existe. Se quereis legitimar a pena de morte, legítimae primeiro o suicidio.

Supponhamos os crimes mais horrosos commettidos por qualquer: venha entre nós o parricida, o sacrilego, o assassino culpado de muitas mortes: ponhamos diante d'elles o cadaver paterno e a historia do cordeiro pisado aos pés, e os infelizes salteados na via publica e cosidos de punhaladas: sentemo-nos como juizes, e interroguemos a voz sincera da nossa consciencia. Alli estão os criminosos maniatados, cobertos das maldições e affrontas das turbas que os rodeiam: alli estão as victimas transmutadas, envoltas em sangue; alli o monumento do insulto commettido contra Deus. O livro da lei está aberto, e nelle a condemnação escripta; ao longe ergue-se o patibulo, e atraz d'elle se estendem as trévas da eternidade, precedidas pelo espectro da perpetua ignominia. E os remordimentos estampados nas faces dos culpados, e o clamor que se levanta do sangue ou do fundo do santuario, e a letra da lei, os gritos do povo, tudo nos incita a pronunciar o voto fatal; o coração deve estar seguro, a mão firme, os olhos enxutos. Porém não! Embora tudo ao redor de nós vozeie morte! Embora a indignação, a lei, a vingança a aconselhe; a confissão do criminoso a admita; a alma recua espavorida, e a consciencia nos grita mais alto e nos diz: olha que vaes ser um assassino. O juiz, habituado a subjugar a voz da consciencia, a vêr na lei a razão suprema, usado ao tracto e aspecto hediondo da culpa, familiarizado com a imagem do patibulo escreverá, sem tremer, a sentença da condemnação. Mas, ao dá-la, a penna cahirá das mãos d'aquelle que pela primeira vez se assentou na cadeira do magistrado, para exercer o mais terrível dos seus deveres, o assignar uma sentença de morte.

No campo de batalha terminam-se muitas vezes mais existencias em um só dia, do que nos cadafalsos em um seculo. O soldado coberto de sangue dos inimigos, dorme tranquillo juncto dos seus cadaveres, seja veterano ou bisonho: porque não seriam, pois, tranquillias as nossas noites depois de condemnar um criminoso ao ultimo supplicio, embora fosse pela primeira vez da nossa vida, que dessemos trabalho de sangue ás mãos malditas do algoz?

Aproveitae todas as subtilidades da ideologia para dar a razão de estas differenças. Debalde as aproveitareis, se não quizerdes confessar que ao juiz clama a con-

peração? que receia? A minha estrella não me concede, talvez, na vida, mais do que esta hora de felicidade; tem alma de querer abreviar-me estes momentos celestes? Sim! E' a mão, que eu sinto e aperto entre as minhas! Esta mão alva e linda, que devia ter o condão de mandar a sorte! E hei de separar-me de si, Carmo; estes cavallos teem uma velocidade maldita, e d'aqui a pouco devem chegar ao seu destino: depois, a noite que termina para a terra, continua na minha alma; eu não sei querida, qual é maior, se o meu amor, se o meu infortunio; sei apenas que não me cabem ambos n'este coração, que não é meu já!...

— Oh! Cale-se! balbuciou Carmo. Para que insiste em perder-me, que tanto vale insistir n'esse amor? Póde esquecer porventura quanto a

sciencia que o acto por elle praticado foi um absurdo cruel, em quanto diz ao soldado, que, levado ao combate ou pela salvação da patria ou por força irresistivel de tyrannos, a defesa da propria vida lhe deu o direito de pôr termo á do contrario.

Os defensores da pena de morte ainda teem uma ultima cerca d'onde procuram repellir os tiros dos que accomettem. Lá os iremos buscar. Dizem que a faculdade que tem a sociedade de impôr a pena ultima é o direito da defesa natural transmittida pelo individuo á republica. Parece-nos isto fugir de um absurdo para outro. Essa transmissão acaba, esse direito cessa, logo que o individuo cessa de existir: o morto precisa acaso de defesa natural? Por outra: o individuo assassinado, enterrado e talvez já corrupto, quando o seu matador é condemnado, ainda é salvo da morte com a condemnação d'este? — Onde está, pois, o direito da propria defesa; onde está a legitimação do supplicio?

Se as considerações abstractas estão contra a pena de morte, vejamos se a necessidade, a inexoravel necessidade, que é a suprema lei das nações, bem como dos individuos, nos obriga a conservar nos codigos esta punição atroz. Para outro artigo guardamos a investigação d'este ponto importantissimo.

NOTICIARIO

Baptisado—Baptisou-se, no domingo passado, na igreja d'esta freguezia, uma creança do sexo feminino, que recebeu o nome de Rosa, filha do sr. Julio Fernandes da Silva. Foi padrinho o nosso amigo sr. Clemente Fernandes da Silva.

Fallecimento—Victima da tuberculose, falleceu em Lisboa o nosso conterraneo sr. Ricardo da Costa Sosinho, filho do sr. Manuel Sosinho. A toda a familia enlutada, sentidos pesames.

—No logar da Preza (Mira) morreu desastrosamente, afogado num pôço, o sr. Ernesto Ferreira da Costa, casado, de 34 annos.

Transferencia—Foi transferido de Beja, onde havia sido collocado ha pouco, para Leiria, o sr. padre José Marques de Castilho, antigo professor e director da Escola Districtal d'Aveiro.

Sub-inspectores primarios—Concluíram, em Lisboa, o concurso para sub-inspectores primarios os nossos excellentes amigos srs. Francisco Portella da Silva e Reynaldo Vidal Oudinot, obtendo respectivamente 16 e 14 valores.

minha posição é delicada, e que até o escutal-o é opprobrio da minha alma? O que pôde auctorisal-o a uma ousadia, como a que n'este momento me enche de sobresalto da sua parte? Não lhe fugi eu sempre, não tenho acaso evitado todas as occasiões de o avistar no mundo? Que direitos encontra n'um amortão condemnavel como o seu, a sacrificar-me perante a minha consciencia, e talvez, quem sabe, perante a minha familia,—mais tarde perante a sociedade! Até que ponto me cumpre ser delicada para comsigo, visto que tão mal interpreta a timidez?

—No momento em que da primeira vez a vi, adivinhou-me o coração que ia adora-la. Dir-se-ia que a primeira vista, que os seus olhos me lançaram, era um philtro para me encantar. Amei-a desde então, e

Enviamos-lhes os mais cordeaes parabens, desejando que sejam nomeados o mais breve possível.

Instrucção primaria—Foram promovidas á 2.ª classe as sr.ªs D. Dulce de Jesus da Silva e D. Rosa Margarida de Oliveira Marques, respectivamente professoras em Cacia (Estarreja) e Pinheiro (Albergaria-a-Velha).

—Foi provida definitivamente a sr.ª D. Delminda da Costa, professora em Lamas (Aguarda).

—Foi transferida para Aveiro a sr.ª D. Eugenia Simões, professora na Escola Normal de Vianna.

Aposentação—Foi aposentando com 366\$666 reis por anno, o sr. dr. Ildefonso Marques Mano, antigo director geral de instrucção primaria.

Licença—Foram concedidos 60 dias de licença ao nosso presado amigo sr. dr. Carlos Luiz Ferreira, digno e illustrado escriptor de direito em Albergaria-a-Velha.

Gatuno—O *Primeiro de Janeiro* insere o seguinte telegramma:

Albergaria, 30—Cinco agentes da auctoridade capturaram na freguezia de Branca o celebre gatuno Antonio Rebello, que o anno passado fugiu da cadeia por arrombamento, suppondo-se ser elle quem depois incendiou por duas vezes os paços do concelho. Deve responder brevemente por esta successão de crimes.

Exoneração—Foi exonerado de Juiz de Paz d'Aveiro o sr. José Maria Barbosa, sendo nomeado, para o substituir, o sr. Luiz Antonio da Fonseca e Silva.

Propaganda republicana—No domingo passado, realisaram-se na Oliveirinha e aqui comicios de propaganda republicana, sendo o primeiro presidido pelo sr. Vidal, professor de instrucção primaria naquella freguezia, e o segundo pelo nosso excellentes amigos sr. dr. Eduardo de Moura, distincto clinico nesta villa.

Discursaram, em ambos, o nosso illustre conterraneo sr. dr. Diniz Severo, administrador do concelho d'Aveiro, e o sr. Ruy da Cunha e Costa, empregado da Agencia do Banco de Portugal na mesma cidade.

Não assistimos nem a um nem a outro. Não podemos, por isso, fazer um relato circunstanciado do que se passou nessas duas reuniões em que

senti nesse instante um vago terror pelo futuro. A desgraça preside sempre ao meu destino: deve estar maldita esta existencia que me pesa. Se soubesse, Carmo, com que prudencia evitei sempre que o mais leve olhar, o mais leve gesto, o mais simples tom de voz denunciasses ao mundo o meu amor por si? Se pensasse o que seria preciso de coragem e de arte para ter a força até de desdenhar do si, eu, que me prostro e a adoro! Não ha futuro para mim, senão o que se lê nesses olhos apaixonadamente negros, na tepida pallidez do seu rosto, nesse oval melancolico e bello, nos seus cabellos abundantes e soberbos, no sorriso como que doente e terno, no ardo inquieto e nervoso que respira em si!

—Por Deus lhe peço, parta,

o povo deve ter ouvido duras verdades a respeito do antigo regimen. Encontramos no nosso collega *O Democrata* uma referencia ao discurso que o nosso amigo dr. Diniz Severo proferir na Oliveirinha, a qual, com a devida venia, transcrevemos:

Dr. Diniz Severo

A assembleia acolhe-o com uma entusiastica salva de palmas succedendo-se os vivas á Republica, Affonso Costa, Theophilo Braga, etc.

Logo que a multidão serena o dr. Diniz Severo sauda o povo da Oliveirinha na pessoa do professor Vidal e explicando a differença que existe entre monarchia e Republica ataca vivamente o jesuitismo como principal responsavel pela ruina da nossa patria, defendendo o clero nacional cujos direitos eram por elle postergados.

Aconselha o povo a instruir-se para que possa exercer conscientemente o direito de voto, não se deixando levar pelos caciques que abusam da sua falta de instrucção.

Termina pedindo que todos os presentes trabalhem para a consolidação da Republica com o desinteresse, a abnegação e o patriotismo de leaes republicanos e de sinceros portuguezes.

A assembleia acolhe este discurso com uma intensa e prolongada salva de palmas.

Inundações—Estão inundados os campos marginaes do Vouga.

NOTICIAS PESSOAES

Anniversarios

Pelo seu anniversario natalicio, que passou ha dias, cumprimentamos o nosso illustre amigo e conterraneo sr. Desembargador Manuel Alvaro dos Reis e Lima, nosso juiz da Relação de Lisboa.

Partidas e chegadas

Chegou, hontem, aqui, o nosso amigo e conterraneo sr. Manuel Gomes Marques, considerado commerciante no Estoril, contando demorar-se alguns mezes, em companhia da sua carinhosa esposa e dos seus dilectos filhos.

D'aqui o cumprimentamos, desejando que tenha encontrado todos os seus de saude.

Doentes

Passa incommodado o nosso amigo sr. Duarte Mendes da Costa, cujas melhoras desejamos.

deixe-me, esqueça-me! Nada houve, nada ha, nada pôde haver entre nós, e contudo a vergonha está já em tudo isto. Parta sem olhar para traz, sem se lembrar mais d'esta noite em que Deus parece ter desamparado a terra da sua misericordia, abandonando-me a um capricho fatal. Meu marido vai voltar dentro em pouco, e é preciso que eu possa apparecer-lhe ainda digna d'elle. Esperar, seria uma loucura: esperar o quê? Chore-me ou esqueça-me, mas supponha-me morta!...

—E para que havia eu de viver então? A gloria não me attrae, nem me fascina. Que poderia eu esperar d'essa pallida consoladora das grandes almas que o mundo não entende? O meu amor espera, Carmo: se não esperasse, morria eu com elle. O genio não é apenas a inspiração,

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 30

Acabo de ter o prazer de abraçar o meu presado amigo sr. Ivo Dias Maia, cabo de signaleiros da Escola de Alunos Marinheiros do Porto, o qual veio á capital fazer exame para contramestre da Armada, ficando plenamente approved. Com isto hão-de regosijar-se os numerosos amigos do sr. Ivo Maia, que é incontestavelmente um perfeito cavalheiro em toda a acepção da palavra, e ha-de honrar o lugar que conquistou e as dividas de 2.º sargento a que tem direito.

O sr. Maia, durante os poucos dias que se demorou aqui, foi hospede do nosso particular amigo sr. Joaquim Nunes Baeta Junior. Seguiu já para o Porto, a apresentar-se ao commandante da Escola. Que continue a merecer a sympathia e a confiança dos seus superiores é o que eu desejo.

—Encontra-se no hospital, com a terrível molestia da variola, o nosso amigo sr. Manuel da Silva Carracio, cujas melhoras ardentemente desejamos.

—No dia 28, pelas 5 horas da manhã, desencadearam-se sobre a cidade duas medonhas trovoadas, acompanhadas de fortes bategas d'agua. Póde dizer-se que choveu durante todo o dia, ficando as ruas da Baixa completamente inundadas. O transito esteve interrompido por algum tempo, e ás tres da tarde foi preciso começar a accender os candieiros.

Na rua de S. Bento, por exemplo, era tanta a agua que os caixotes do lixo foram levados pela corrente, indo alguns parar ao largo do Conde Barão. O estabelecimento do nosso amigo sr. Manuel da Costa Jerego, que também soffreu alguns prejuizos, foi muito visitado pelos devotos do Deus Baccho que só lamentavam que as ruas em lugar de estarem inundadas d'agua o não estivessem de vinho.

—Está para breve o casamento da gentil menina Justina Silva de Jesus, de S. João de Loure, com o sympathico moço sr. João d'Oliveira Quintaes, natural de Azere (Taboa). Desde já felicitamos os noivos, desejando-lhes muitas prosperidades.

—Passou ha dias o anniversario do nosso presado amigo José Guerra que offereceu a alguns dos seus amigos um delicado copo d'agua.

D'aqui o cumprimento, bem como á sua carinhosa esposa, a sr.ª D. Maria Isabel Guerra.—Melicias.

Idem, 1

(PARTICULAR)

A' hora em que escrevo, 5 da tarde, a cidade está em festa, por ser o dia do anniversario da Restauração de Portugal. Na Rotunda da Avenida desfilam as tropas, e, apesar de não cessar a chuva, vêem-se pelas ruas milhares de populares.

—Fez hontem annos o meu amigo sr. Manuel da Costa Jerego que offereceu aos seus amigos um esplendido jantar a que assistiram, entre outros, os srs. José Rodrigues Correia de Mello, correspondente do Correio do Vouga na capital, Joaquim Nunes Baeta Junior, Jayme Baeta, José Baeta Vidal, Valentim Lopes, Manuel Paulo, Antonio Correia Gonçalves, Luiz Monteiro, Alfredo d'Azevedo, Antonio Duarte, Zacharias da Silva, Mathias da Silva, José Branco, Alberto dos Santos, Paulino da Moita, João da Silva, Abel dos Santos.

O jantar principiou ás 4 horas da tarde e terminou ás 10 da noite, começando a esta hora o baile que se prolongou até ás 2 da manhã.

Foi uma bella festa que a todos deixou gratas recordações.

—Vinda d'Eixo, acaba de chegar a esta cidade a sr.ª Rosa Gomes da Silva, mãe do nosso amigo sr. José Joaquim da Silva.—Lucifer.

ABC illustrado

por

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias

o amor não é apenas a chamma; o amor e o genio são também a paciencia: é preciso passar pela cruz para ser Deus!

—Chegamos a Paço d'Arcos! disse Carmo. Como ha de ser agora, senhor?

—A carruagem vae sobre areia, o cocheiro não me sentirá saltar! Antes de partir, porém, diga que me perdoe!

—Digo-lhe só, que não procure vêr-me mais!

—E nem uma palavra d'amor?

—Insiste em esquecer que não sou livre? Oh! prometta que não fará a mais leve tentativa de me encontrar de novo!

—Não. Não prometto, porque a amo! Hei de vê-la, Carmo! Ha de encontrar-me sempre no seu caminho, porque este amor está no sen

S. João de Loure, 1

Os povos de S. João e d'Alquerubim vão protestar contra o facto de se pretender, pela nova reforma administrativa, passar estas duas freguezias para a comarca d'Agueda.

O sr. Alexandre Vidal emprega também todos os esforços para que S. João e Alquerubim se conservem no concelho e comarca de Albergaria.

—Vindo da Figueira da Foz, chegou aqui, no dia 28, o sr. Joaquim Dias de Pinho.

—Tambem aqui chegou, vindo de Thomar, o sr. Manuel Simões Serralheiro, acompanhado de sua esposa e filhos.

—Num d'estes ultimos dias, roubaram do coradouro das sr.ªs Melicias uma porção de roupa branca e, da adega, algumas ferramentas entre ellas, um ençago e tres enchadas.

—Roubaram também um gabão, que o sr. Joaquim Nunes Sequeira tinha em casa.

Suspeita-se de que todos os objectos furtados voltarão ás mãos dos seus donos por intermedio d'uma pessoa da Gafanha. A vêr vamos.

—Partiu para Lisboa o sr. Manuel da Costa Cabecinha, acompanhado de sua irmã Joaquim e de sua prima Thereza de Pinho.—C.

Alquerubim, 29

Está muito temporal de NO, acompanhado de fortes aguaceiros, Os rios Vouga e Agueda sahiram dos seus leitos, inundando os campos marginaes.

—Morreu aqui, hoje, Anna Serrana.

—A lei do inquilinato está levantando aqui serios e justos clamores por partes dos pobres que apenas alugam, casas por 1\$200 até três mil reis o max'imo por anno, não podendo mesmo pagar estes alugueis, devendo-os muitos dois e três annos e mais, e havendo até alguns que nunca os pagam, por não terem com quê. Ora, em taes condições não será exigir de mais obrigar a reduzir o contracto a escripto? Parece-me impossivel a applicação de tal lei nas nossas aldeias.—C.

Idem, 1

Ha dias, roubaram uma vacca a Maria Miranda, de Lamas do Vouga, e outra a José Cardão, d'aqui.

O actual regedor republicano, d'esta freguezia, sr. Manuel d'Oliveira e Santos, foi descobrir os larapios, hontem, na feira de Salreu, onde já estavam a vender as vaccas, sendo logo presos. São todos d'esta freguezia e dão pelos seguintes nomes: Alexandrino Covas, Viuvo, Albino Tamancheiro e Joaquim, fiho de Margarida do Vicente.—C.

Azurva, 1

Retirou, no dia 27 do mez passado, para Lisboa, o nosso amigo e conterraneo sr. José da Cruz Carvalho. Acompanhará-no até á estação d'Aveiro o seu pae, sr. Daniel de Carvalho, e os seus amigos Francisco e Antonio Gonçalves da Cruz, Manuel de Carvalho e quem escreve estas linhas.

—Consoiciaram-se, no dia 19 do mez passado, na igreja de Segalães, a gentil menina Almerina da Silva Martins, filha do sr. José Henriques Lamas, com o sr. Manuel dos Santos Fernandes, fiho do sr. Joaquim dos Santos Fernandes, de Requeixo.

Apoz a cerimonia religiosa, foi servido em casa dos paes da noiva um bello jantar de 55 talbaes, a que assistiram, entre outros os srs.: Clemente Santhiago e esposa, Joaquim da Silva Santhiago, Evaristo Miranda Feijão, esposa e sogra, José dos Santos Martins e esposa, padre Antonio da Conceição Pires, Manuel e Joaquim Simões Gaspar, Custodio Fernandes da Silva, Joaquim Tanoeiro e Manuel Gonçalves Diniz.

Desejamos aos noivos um futuro risinho e todas as prosperidades a que têm direito pelas suas virtudes.

—Passam bastante incommodados a sr.ª Rosa Dias dos Santos e o sr. João Rodrigues Dias. Que se restabeleçam depressa são os nossos desejos.

destino, e porque, é Deus que m'o diz, sou amado por si!

—Oh!
D'um salto rapido, Carlos Eduardo atirou-se á estrada. A carruagem continuou a rodar surdamente, e parou instantes depois. Ninguém dormia em casa. Carmo encontrou as creadas de pé, e Amelia á cabeceira de sua mãe; a viscondessa, havendo-lhe repetido o ataque, achava-se perigosamente enferma. Esperava-se a cada instante o medico, a quem se enviára recado para Lisboa.

O quarto estava ás escuras quasi. A chamma de uma lampada parecia expirar por momentos no seu globo de crystal. Pelo tapete de que estava coberto, o sobrado absorvia o menor ruido. Quando se escutava a doente, via-se que uma

—Retirou hontem para Risboa o nosso amigo e conterraneo sr. Antonio Rodrigues Ferreira a quem desejamos muitas felicidades.—C.

Por ter chegado tarde ao nosso poder, somos obrigados a deixar para o proximo numero uma correspondencia que recebemos do Barreiro.

Leituras amenas

Um sujeito destes expansivos e tolos, que levam a viagem a fallar, dizia hontem, no americano, referindo-se aos burros:

—Não se póde ser burro nesta cidade.

Um outro que o aturoo calado de Belem ao caminho de ferro:

—Não senhor... por causa da concorrencia.

—Se V. continua a tossir, disse um juiz a um advogado, eu imponho-lhe uma multa de quinhentos francos.

—E eu dar-lhe-hia mil, se v. s.ª podesse fazer parar a minha tosse.

—O que? Pois o senhor sustenta que ha cães mais espertos do queos donos?

—Decerto! E' raro é; mas eu tenho um.

Um doente, no hospital, soltava longos gemidos.

—O que quer de Deus? — pergunta uma irmã de caridade moça e bonita, que se achava á cabeceira; — eu sou filha d'elle.

—Eu queria que elle fosse meu sogro.

Num exame de geographia:

—Onde fica a Suissa?

—Ao lado do bigode.

—E' aqui o café dos asnos? perguntava um dia um gracioso a um criado que se achava á porta d'uma casa de pasto.

—E' aqui, senhor, póde entrar...

Num café, entre o freguez e o caixeiro:

—Mas então, quanto devo?

—Cinco calices de vinho.

—Não é possível; no meu bucho não cabem mais que quatro!

—Pois é isso mesmo: quatro que o senhor tem no buxo, com um que lhe subiu á cabeça: cinco!

Um homem extraordinariamente feio mas muito pretencioso dizia a um dos seus amigos:

—Sabes, vou casar-me?

—Sim? Com quem?

—Com a Aurelia.

—Mas parece-me que tinha ou-

superstições e as minhas alegrias! Uma unica esperanza me restava, e já essa mesma se quebrou! A' medida que as desillusões e as amarguras iam experimentando a minha coragem, tinha eu a alegria ao menos de dizer que a alma de nossa santa mãe seria o meu refugio contra este mundo. Agora, mais do que nunca, sinto medo da vida!

—Tu não podes ter a culpa, minha pobre irmã, nem das circumstancias, nem dos acontecimentos; fique pura a tua consciencia no centro da desventura e dos reveses!

—A minha consciencia... Mas, é ella que me assusta, Amelia! Se o espelho reproduzisse os pensamentos, que são as imagens da alma, como reproduz a imagem dos corpos, bastaria um espelho para me perder!

vido dizer que ella te repellira quando tu lhe fizeste a côrte.

—Sim, mas por fim consegui domina-la, e acceitou-me aos olhos fechados.

—Ah! assim comprehende-se!

Um respeitavel pae de familia diz para outro, logo depois da subida do partido regenerador:

—Meu filho apanhou um emprego, onde está como peixe na agua.

—Que diabo faz elle então para estar tão bem?

—Faz como o peixe:—nada.

—Dizem que um copo de vinho Sendo bom dá força á gente;

Isto é peta, certamente,

Tal não posso acreditar;

Eu já hoje bebi treze,

E vês tu? Não posso andar.

Um individuo é consultado.

—Diga-me, será mau para a saude?

—Isso não se pergunta...

Veja as chaminés, as que não fumam são as melhores.

Até onde as nuvens giram

Vão meus suspiros parar,

E tu, tão perto de mim,

Não me ouves suspirar!

Ao dar-lhe um beijo córou,

Dei-lhe segundo, sorriu;

Todos os mais que levou,

Foi ella que m'os pediu.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscrição aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

Transporte . . . 170\$150

Padre Manuel da Cruz . . . 1\$500

Somma . . . 171\$650

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ª Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos srsrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.º 100-1.º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

O LUXO

CHRONICA DE LISBOA

Novo e sensacional romance do mesmo auctor de

OS TRISTES

e, como este, livro de critica, livro para recreio e para estudo, d'um realismo interessante.

O suggestivo titulo com que elle será apresentado, dispensa referencias á sua indole: o justo renome do sr. Barros Lobo é uma garantia do seu merecimento.

Acaba de publicar-se:

PEQUENO LIVRO

DOS FIEIS DEVOTOS

DO

SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

DECIMA EDIÇÃO

Approvada pela Auctoridade Ecclesiastica

Indispensavel aos associados do Apostolado da Oração e outros, por conter grande copia de orações na sua maior parte indulgenciadas, todas as consagrações até hoje publicadas, Methodo da Missa, ladainha, Hymnos e canticos, etc., etc.

O «Pequeno livro dos fieis devotos do Sagrado Coração de Jesus» é, pois, não só o mais importante devocionario que sobre o assumpto tem visto a luz da publicidade, mas ainda o mais completo livro de Missa, por inserir as orações para esse fim indulgenciadas pelos Summos Pontifices Leão XIII e Pio X.

1 elegante volume de 96 paginas, impresso em bom papel: encadernado em percalina, com o titulo na lombada, 120 réis; idem com o titulo na pasta, 140 réis; idem idem e dourado pelas folhas, 240 réis.

Para propaganda: um exemplar gratis em cada seis dos primeiros, um dito dos segundos em cada sete dos mesmos, e um dito com folhas douradas em cada doze dos primeiros ou seis dos ultimos.

Esta concessão, porém, só será feita nos pedidos directamente dirigidos ao editor, A. MARTINS PEREIRA, rua Sá Noronha, 51—Porto.

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes ao programma de 1902

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

E

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

O medico, tomando Carmo de parte, disse-lhe ao ouvido:

—A morte não separa, torna a unir o que estava separado. Ha alguma coisa mais fatal ainda do que perder a mãe; é envergonhar-lhe a memoria.

—Que significa?
—E' isso que devo perguntar-lhe: o que significa encontrar eu, quando para aqui me dirigia, Carlos Eduardo perto d'esta casa a semelhante hora da noite?

Carminho demorou vagamente a vista na do medico, não se atrevido sequer a desvia-la. Um indefinido terror se apoderou da sua alma, e sentiu pela primeira vez o frio da vergonha gelar-lhe os labios.

(Continúa)

JULIO CESAR MACHADO.

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS ESCOLAS PRIMARIAS

(Ilustrado) por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.^a e 5.^a classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

LINGUA PORTUGUEZA

PARA USO DOS ALUMNOS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas POR ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrucción primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.^a 2.^a e 3.^a classes de Instrucción Primaria, por A. M. F.

3.^a edição. . . . 400 reis



ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e atrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'un amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.^a edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A accettazione que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão—27300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.^a edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.^a edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em forma clara e atrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.^o volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeracção seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggerados, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploracção, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR... como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administracção:

R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1\$200
» —semestre	600
Africa —anno	1\$500
Brazil —anno—(moeda forte)	2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha	10 reis
Communicados, cada linha	20 »
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.	—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	—

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administracção—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Cam. Int.

3.^o ANNO—N.^o 50